

**AUDIODESCRIÇÃO NO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
PARA UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA EXPERIÊNCIA
DOCENTE A SERVIÇO DA INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR**

**AUDIODESCRIPTION IN TEACHING BRAZILIAN SIGN LANGUAGE TO A
PERSON WITH VISUAL IMPAIRMENT: A TEACHING EXPERIENCE AT
THE SERVICE OF INCLUSION IN HIGHER EDUCATION**

Adriana da Paixão Santos¹

Resumo: Este texto é um registro de uma prática docente realizada, em contexto remoto, no atendimento educacional especializado de uma aluna com baixa visão e estudante do curso de Pedagogia de uma universidade federal. Sendo uma experiência piloto da autora, o artigo traz alguns conceitos necessários para o desenvolvimento da atividade: audiodescrição e sua estrutura-base, audiodescrição didática (ADD), língua brasileira de sinais e seus parâmetros, além de elementos necessários à compreensão do atendimento educacional especializado, também conhecido como AEE. A metodologia aplicada foi a pesquisa-ação, na qual a autora se fez presente em todas as aulas a fim de recapitular os conhecimentos prévios sobre a Libras e como ela poderia ser ensinada, de maneira remota, a essa estudante com baixa visão. Conclui-se que o uso da audiodescrição no ensino de Libras não só contribui para a aprendizagem de pessoas cegas ou com baixa visão, mas também colabora para a organização da espacialidade daqueles que são considerados indivíduos típicos, isto é, o sujeito que não apresenta deficiências, transtornos de desenvolvimento ou quaisquer tipos de distúrbios de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Visual. Audiodescrição Didática. Língua Brasileira de Sinais.

Abstract: This text is a record of a teaching practice performed, in a remote context, in the specialized educational care of a student with low vision and student of the Pedagogy course of a federal university. Being a pilot experience of the author, the article brings some concepts necessary for the development of the activity: audio description and its basic structure, didactic audio description (ADD), Brazilian sign language and its parameters, as well as elements necessary to understand specialized educational care. The methodology applied was action research, in which the author was present in all classes to recap the previous knowledge about Libras and how it could be taught remotely to this student with low vision. It is concluded that the use of audio description in the teaching of Libras not only contributes to the learning of blind or low-vision people, but also contributes to the organization of the spatiality of those who are considered typical individuals, that is, the subject who does not have disabilities, developmental disorders or any type of learning disorders.

¹ Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora vinculada à Secretaria da Educação da Bahia, com atuação no Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual Professora Cátia Paim. E-mail: adrianasantos20@gmail.com

Keywords: Inclusive education. Specialized Educational Service. Visual impairment. Audiodescription Didactics. Brazilian Sign Language.

INTRODUÇÃO

Ao adentrar em uma sala de aula, o docente acredita que seu trabalho irá se resumir ao processo ensino aprendizagem dentro das suas possibilidades, considerando que tão somente irá atender estudantes rebeldes, comportados, enfim, aqueles que apresentam um comportamento considerado típico de crianças, jovens e adultos. Mas, quando chega um estudante com algum tipo de deficiência, ocorre uma desorganização, tanto didática quanto comportamental, de todos que estão ali inseridos.

Tratando-se de pessoas com deficiência, o processo é desafiador, uma vez que as adaptações didático-pedagógicas são ainda mais desafiadoras: material adaptado em braille, tradutor-intérprete de língua de sinais, cadeiras adaptadas, enfim, uma série de modificações surgem e devem ser realizadas com certa urgência, pois são estudantes que precisam dessa acessibilidade para que acompanhem as atividades sem prejuízos.

Estudantes da Educação Básica contam com o Atendimento Educacional Especializado, conhecido como AEE, no qual, a partir do atendimento realizado no contraturno, o estudante tem acesso a diversas estratégias adaptadas às suas necessidades, orientando-o a acompanhar as aulas considerando as necessidades de sua deficiência ou transtorno. Estudantes do Ensino Superior contam, geralmente, com os materiais adaptados pelos chamados Núcleo de Atendimento às Pessoas com necessidades Especiais – NAPE ou NAPNE, dependendo de cada IES. Contudo, no período de transição entre o ensino remoto e o ensino presencial, houve uma grande demanda no atendimento realizado por esses núcleos, não atendendo de maneira efetiva os estudantes que estivessem precisando de acompanhamento durante as aulas.

O artigo apresenta uma atividade realizada durante esta fase considerada crítica para todo o mundo, uma vez que estávamos enfrentando uma pandemia de grandes proporções, causada pela disseminação desenfreada do coronavírus, que iniciou no final de 2019. A atividade desenvolveu-se no primeiro semestre de 2022, no componente curricular LIBRAS I, do curso de Licenciatura em Pedagogia. A aluna atendida tem baixa visão por retinose pigmentar, o que pedia atividades muito concretas e que fizessem algum sentido na construção daquele conhecimento que, muitas vezes, a aluna alegava ser impossível aprender.

Dáí veio a necessidade de se utilizar um recurso de tecnologia assistiva que tivesse as características listadas pela estudante, tendo, de maneira lúcida e consciente, optado pela audiodescrição. Tanto ela quanto a docente da disciplina concordaram. A seguir, será feito um detalhamento de como a audiodescrição contribuiu e contribui para uma prática docente verdadeiramente inclusiva, seja em ambiente remoto, seja em sala de aula presencial.

BASES TEÓRICAS

Compreender a língua de sinais e como ela poderia ser apresentada a uma estudante com deficiência visual, foi necessário organizar um referencial teórico que contemplasse a Libras e a audiodescrição, dois recursos de tecnologia assistiva que, inicialmente, atende dois públicos diversos, o que tem deficiência visual e o que tem surdez.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – PARÂMETROS

Muitas são as línguas de sinais pelo mundo. No Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais, conhecida por sua sigla LIBRAS. Assim como na Língua Portuguesa, temos muitas variações regionais na Libras, tornando ainda mais interessante e rico o aprendizado dessa língua. Sim, a Libras é uma língua, pois apresenta estruturas gramaticais que lhe conferem tal *status*. Além disso, precisamos ter consciência de que a Libras não é derivação das línguas orais auditivas, uma vez que possuem, conforme dito anteriormente, uma estrutura gramatical específica e independente (FERREIRA et al., 2011).

Felipe e Monteiro (2006) reiteram que

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras, e em relação às suas estruturas porque elas também são compostas pelos níveis morfológico, sintático e semântico (FELIPE; MONTEIRO, 2006, p. 21).


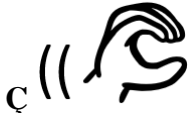
Mas, para sinalizar, é necessário ao usuário uma organização corporal e o uso de expressões faciais que sejam condizentes à produção de cada sinal, sejam números, palavras ou frases. Usualmente, são utilizados cinco parâmetros, quais sejam:

a) **Configuração de mão:** é a forma como a mão está ao realizar o sinal. Na Libras, são 64 configurações diferentes, que podem ser realizadas com uma ou duas mãos, dependendo do sinal.

b) **ponto de articulação:** é o lugar onde incide a mão predominante configurada, que pode tocar em alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor).

c) **movimento:** os sinais podem ter movimento ou não. Dois exemplos são a letra ‘ç’ e ‘c’. O que difere uma da outra é o movimento estabelecido para o ‘c’, que é movimentar o pulso, para frente e para trás, com a mão em configuração de ‘c’, conforme a seguir:



Quadro 1 – Quadro com a representação das letras C e Ç, em Libras e audiodescrição

 <p>C</p>	<p>Audiodescrição do sinal: Palma da mão para frente. Mão na altura da boca. Dedos dobrados, formando um semicírculo (movimento análogo ao ato de pegar um copo, porém sem encostar as pontas dos dedos).</p>
 <p>Ç</p>	<p>Audiodescrição do sinal: Palma da mão para frente. Mão na altura da boca; dedos dobrados, formando um semicírculo (movimento análogo ao ato de pegar um copo, porém sem encostar as pontas dos dedos). Girar o pulso duas vezes, para frente e para trás.</p>

Fonte: Autoria própria (2022)

d) **orientação/direcionalidade:** os sinais têm uma direcionalidade com relação aos parâmetros já apresentados.



Quadro 2 – Quadro com a representação da letra L e do ponto cardinal Leste, em Libras e audiodescrição

 <p>L</p>	<p>Audiodescrição do sinal: Palma da mão para frente. Dedos mínimo, anelar e médio dobrados na palma. Indicador esticado para cima. Polegar esticado para fora.</p>
<p>Leste (localização)</p> 	<p>Audiodescrição do sinal: Mão em configuração de L, colocada no centro do tórax. Sem mover a mão, mover o braço para a direita.</p>

Fonte: Autoria própria (2022)

e) **expressão facial e/ou corporal**: muitos sinais têm em sua configuração um traço diferenciador a expressão facial e/ou corporal. Seguem dois exemplos:

Quadro 3 – Quadro com a representação do verbo CONSEGUIR (afirmativa e negativa), em Libras e audiodescrição

<p>Conseguir</p> 	<p>Audiodescrição do sinal: Mão em configuração de L (24). Palma da mão virada para trás. Girar o pulso duas vezes deixando a palma da mão para frente.</p>
<p>Não conseguir</p> 	<p>Audiodescrição do sinal: Mão em configuração de L (24). Palma da mão virada para trás. Com expressão facial triste, girar o pulso duas vezes deixando a palma da mão para frente, movimentar a cabeça de um lado para o outro.</p>

Fonte: Autoria própria (2022); Capovilla; Raphael; Maurício (2009, p. 656; 1566 - adaptado)

Assim, faz-se importante saber que

as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos. Apesar da diferença entre línguas de sinais e línguas orais, no que concerne a modalidade de percepção e produção, o termo “fonologia” também tem sido usado para referir-se também ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 48).

Portanto, a língua de sinais, independentemente do local, precisa ser respeitada enquanto língua primeira da pessoa surda. Ela tem elementos sintáticos e semânticos tanto quanto qualquer outra língua não gestual. Ela representa uma comunidade que está fundamentada em uma identidade e cultura próprias de seus usuários.

DEFICIÊNCIA VISUAL E AUDIODESCRIÇÃO

A deficiência visual é considerada por muitos uma incapacidade sensorial que provoca naqueles que não a conhece, reações como medo, gerando uma superstição que beira a ignorância. As pessoas, de um modo geral, consideram a pessoa com deficiência

visual (cega ou de baixa visão) como sendo incapaz fisicamente e, também, possuidora de dons sobrenaturais ou de percepções extrassensoriais.

A baixa visão é uma situação intermediária entre a visão normal e a cegueira, em que uma pessoa com a melhor correção óptica convencional, ou após tratamento cirúrgico não consegue realizar uma ou várias tarefas diárias, como escrita, leitura, deslocamento na rua, ou, ainda, tenha dificuldade para ver televisão, cozinhar, dentre outras, não significando que não venha necessitar de recursos de tecnologia assistiva como programas leitores de tela, do Braille ou da Audiodescrição.

Para a organização de um plano de atendimento individualizado dessa pessoa, é importante o relatório gerado a partir de uma avaliação oftalmológica, com importantes informações a pesquisas sobre o tema ao público interessado, incluindo aqueles que trabalham no Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma vez que é necessário elaborar estratégias pedagógicas para potencializar o máximo possível o resíduo visual ou a sensorialidade da pessoa cega ou com baixa visão.

Em 2018, em artigo publicado na Revista Inventário, Franco (p. 2) reinterpreta o conceito de AD da seguinte forma:

Entende-se por audiodescrição (AD), uma modalidade de tradução audiovisual (TAV) intersemiótica que objetiva, prioritariamente, o acesso de pessoas com deficiência visual a produtos visuais (obras de arte, ilustrações, gráficos e fotos, por exemplo) e audiovisuais (filmes, peças de teatro, espetáculos de dança, conferências, eventos esportivos, e outros) através da tradução de signos visuais em signos acústicos, ou seja, da transformação de imagens em palavras (FRANCO, 2018, p. 2).

Trata-se, portanto, de uma tradução *intersemiótica*, em que temos uma recodificação de signos não verbais em signos verbais, que oferece uma descrição das informações visuais que não estão contidas no diálogo, como expressões faciais, gestos, ambientes, figurinos, mudanças de tempo, títulos. É descrever as imagens, é traduzi-las em palavras, oferecendo uma construção de retrato verbal de pessoas, paisagens, objetos, cenas e ambientes, sem expressar julgamento ou opiniões pessoais a respeito.

No Brasil, a utilização do recurso foi inspirada a partir de um festival alemão de cinema, *Como nós vivemos*², que, em 2001, exibiu o primeiro curta-metragem escrito e dirigido por Gustavo Acioli, produzido por Lara Pozzobon da Costa, *Cão Guia*³, que data de 1999. produzido em 1999. Em agosto de 2003, o Festival *Assim Vivemos* tornou-se o

² Traduzido do alemão *Wie wir Leben*.

³ Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=cao_guia. Acesso em: 14 nov. 2020.

primeiro evento público de exibição de filmes no Brasil a apresentar curtas metragens já com o recurso de acessibilidade. Graciela Pozzobon destacou-se como a primeira audiodescritora do festival que, na edição de 2007, foi pioneiro em convidar uma pessoa cega, Marco Antonio de Queiroz, o MAQ⁴, para fazer parte do Júri e premiar as melhores películas.

AUDIODESCRIÇÃO DIDÁTICA – ADD

Em contexto didático, a audiodescrição recebe o nome de Audiodescrição Didática (ADD), tendo Elton Vergara-Nunes como expoente desse recurso. Sua tese originou alguns artigos, guias e manuais, sendo o Guia Prático de Produção de Audiodescrição Didática (2012), publicado por Zehetmeyr, Ferreira Filho e o próprio Vergara-Nunes, a base metodológica para as aulas ministradas.

Segundo Vergara-Nunes (2016), a ADD é um recurso que deve ser utilizado pelo professor-audiodescritor, considerando o grau da deficiência do seu aluno (se cegueira congênita ou adquirida ou baixa visão), se conhece cores ou quaisquer outros elementos visuais. O profissional pode, em sua construção, utilizar a subjetividade. Ou seja,

Se uma imagem representa uma emoção, ela deve estar contida na ADD e também provocar emoções. É necessário conhecer o usuário para que se possa considerar sua cultura. O aprendiz cego ou com baixa visão poderá, em igualdade de condições, utilizar o mesmo material didático apresentado aos alunos não cegos, tendo o professor-audiodescritor autonomia para incluir ou eliminar informações, pois o foco da aprendizagem será o potencial daquilo que se quer ensinar através da imagem. (VERGARA-NUNES, 2016).

O autor ainda esclarece que a audiodescrição didática precisa ter características próprias, considerando o contexto educacional, e que não se prenda às “genéricas normas e orientações para audiodescrições comerciais” (VERGARA-NUNES, 2016, p.242). Contudo, a ADD aplicada neste contexto, não foi objetivamente direcionada conforme apresentado no Guia, e levou em conta as características descritas no mapa mental a seguir:

Figura 1 - Aspectos relevantes da Audiodescrição Didática - ADD

⁴ * 20/10/1956 – † 02/07/2013. Este pesquisador e ativista pelos direitos das pessoas com deficiência merece menção nesta pesquisa, uma vez que, mesmo com suas limitações de saúde, continuou até 2010, lutando pela acessibilidade digital e cultural das pessoas com deficiência, tendo escrito inúmeros artigos e participado de várias palestras pelo país. Informações disponíveis em: <http://www.acessibilidadelegal.com/00-curriculo.php>. Acesso em: 14 nov. 2021.



Fonte: Vergara-Nunes (2016, p. 242)

Enfim, diferente da audiodescrição apresentada por autores renomados na área, a audiodescrição didática pretende traduzir a imagem em palavras levando em conta as inferências de quem audiodescrever, tendo a subjetividade um papel importante nesse processo.

BASE METODOLÓGICA



Este trabalho surgiu da necessidade de ensinar a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS a uma aluna com baixa visão por retinose pigmentar. A maior dificuldade estava em pensar em estratégias que pudessem favorecer a inclusão dessa aluna na turma que estava, ainda por conta da pandemia, no ensino remoto. A partir de conversas com a professora da IES, durante a aula de apresentação do alfabeto em LIBRAS, surgiu a ideia de produzir um material que fosse além do ensino da Libras, mas que fosse também um fator de inclusão de toda a turma. Ao percebermos as descrições de alguns sinais, apresentadas em um dicionário trilíngue, sentimos que o texto apresentado não condiz com o sinal correspondente.

Toda a metodologia de trabalho foi desenvolvida no Google Meet, uma vez que o primeiro semestre de 2022 ainda havia aula no sistema remoto. Duas vezes na semana,

no turno noturno, Nanci ministrava as aulas sempre buscando adequar o ensino da Libras ao ambiente remoto. Por uma indicação, a aluna matriculou-se nesse horário de aulas após algumas tentativas, pois não adiantaria matricular-se no componente que tivesse um docente surdo.

Inicialmente, a docente apresentou as primeiras letras, tendo a autora como audiodescritora dos sinais para a aluna com baixa visão. Nanci fazia o sinal duas vezes, os estudantes repetiam e, após isso, o sinal era audiodescrito a partir dos parâmetros da Libras, pensando na movimentação ampla para a específica, tal como o exemplo a seguir:



Quadro 3 – Letras em Libras e sua respectiva descrição no DEIT-LIBRAS

<p>A</p> 	<p>Audiodescrição do sinal: Mão vertical fechada, palma para frente, polegar tocando a lateral do indicador.</p>
<p>B</p> 	<p>Audiodescrição do sinal: Mão vertical aberta, palma para frente, dedos unidos, polegar dobrado contra a palma.</p>

Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício (2009, p. 125; 345 - adaptado)

Após isso, foi feita uma comparação da descrição do sinal apresentada no Novo DEIT-LIBRAS e a audiodescrição realizada durante a aula para a aluna, verificando-se o seguinte:



Quadro 4 – Letras A e B, em Libras e sua respectiva audiodescrição

<p>A</p> 	<p>Audiodescrição da imagem: Palma da mão para frente e na altura da boca, fechada. Polegar encostado no indicador (análogo ao movimento feito para bater à porta).</p>
<p>B</p> 	<p>Audiodescrição da imagem: Palma da mão para frente. Mão na altura da boca, ao lado do rosto. Dedos juntos e esticados para cima e polegar com a ponta apoiada na base do indicador.</p>

Fonte: Autoria própria (2022)

A diferença entre a descrição do DEIT-LIBRAS e a audiodescrição é que a segunda traz elementos mais próximos ao que a aluna precisa compreender, por conta de sua baixa visão. A descrição do dicionário, muitas vezes, apresenta um ou outro parâmetro que não condiz com o que o ensino da Libras apresenta, tal como o exemplo a seguir:

Quadro 5 – Letra Z, em Libras e respectivas descrições, no DEIT-LIBRAS e audiodescrição da autora

	<p>Audiodescrição do sinal DEIT-LIBRAS: Mão em 1, palma para baixo, indicador apontando para frente. Mover a mão ligeiramente para a direita, diagonalmente, para a esquerda e para baixo e então, para a direita novamente.</p>
	<p>Audiodescrição do sinal: Palma da mão para frente. Mão na altura da boca, ao lado do rosto. Dedos juntos e esticados para cima e polegar com a ponta apoiada na base do indicador.</p>

Fonte: Autoria própria (2022).

Assim, para a realização da audiodescrição da Libras para pessoas com deficiência visual (público primário desse recurso), foi pensada uma proposta de elaboração de parâmetros que seguem, *a priori*, os parâmetros estabelecidos para a organização dos sinais, ou seja:

- a. ponto de articulação;
- b. configuração de mão;
- c. orientação;
- d. movimento e
- e. expressão corporal/facial.

É importante, antes de iniciarmos a audiodescrição de qualquer sinal, esclarecer que não há padrão de lateralidade, isto é, tanto faz que seja mão direita ou esquerda. Contudo, é necessário utilizar o direcionamento manual quando necessário. E assim surgiu o trabalho de audiodescrição da Língua Brasileira de Sinais, que permite aos estudantes com deficiência visual, matriculados em cursos de Licenciatura, sua plena inclusão nas atividades práticas desse componente curricular, além de propiciar

também a elaboração de símiles e metáforas que possam gerar a elaboração manual do sinal solicitado.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ATIVIDADE

A proposta do texto foi apresentar como a audiodescrição, especificamente a didática, pode contribuir para a formação docente de pessoas com deficiência visual, dinamizando o bom andamento das aulas, principalmente com a utilização de metáforas e símiles na descrição dos parâmetros e sinais.

A proposta de audiodescrever a Língua Brasileira de Sinais para pessoas com deficiência visual foi iniciativa de duas professoras que perceberam, em suas práticas docentes, a real necessidade de acessibilizar tal aprendizagem às pessoas com deficiência visual. Sem vínculos com grupos de pesquisa ou quaisquer outras atividades acadêmicas, a atividade foi pensada de maneira conjunta entre a docente da IES, a aluna e a autora, provando que este tripé é de fundamental importância para a construção de um ensino verdadeiramente inclusivo, em quaisquer ambientes, em quaisquer espaços formais e não formais de aprendizagem.

A audiodescrição didática mostra-se uma excelente ferramenta para agilizar o trabalho docente sem que haja uma distorção da proposta dessa TA e reforçando a ideia de que a simples descrição de algo não é suficiente para trazer o estudante cego ou com baixa visão à compreensão do que é a obra, como se constitui e em que momento ela foi concebida.

A aluna construiu, após esta atividade, um conhecimento que ela mesma julgava impossível, mas que, a partir da audiodescrição e da orientação competente da docente, tornou-se algo prazeroso e repleto de interesse.

Propostas como essa são importantes na medida em que favorece a educação inclusiva e desmistifica a ideia de que audiodescrição precisa ser técnica quando se necessita de agilidade e criatividade no acolhimento desse público nas atividades pedagógicas.

Não significa que a audiodescrição deva ser feita de qualquer jeito. Significa que todos, sem exceção, precisam ser agentes do processo educacional. Significa que o contexto de formação inicial e continuada devem trazer possibilidades de que sejam

aplicadas técnicas e estratégias cuidadosas para atender pessoas com deficiência visual, nos espaços formais e não formais de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna Salermo. **Libras em Contexto: Curso Básico** - Livro do Professor. 6 a. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERREIRA, Adir Luís et al. **Aprendendo Libras: módulo 2**. Natal: EDUFRN, 2011.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso. Audiodescrição e deficiência intelectual - Um estudo sobre o papel do usuário. **Inventário**, n. 21, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/inventario/article/view/27458/16452>. Acesso em 08 nov. 2021.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

NUNES, Valéria Fernandes. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 79, p. 29-37, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/ser/index.php/signo/article/view/1283/pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VERGARA-NUNES, Elton. **Audiodescrição didática**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, SC, 2016. 412 p. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/y4551heqodarj2w/Audiodescri%C3%A7%C3%A3o%20Did%C3%A1tica.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

ZEHETMEYR, Tania Regina de Oliveira; FERREIRA FILHO, Raymundo Carlos Machado; VERGARA-NUNES, Elton. **Guia Prático: Produção de Audiodescrição Didática** [recurso eletrônico]. Pelotas, RS: Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, 2016. Disponível em: http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/939/GUIA_TANIA_V2.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 mai. 2021.